



Stephanie Dahn Batista

Universidade Federal do Paraná - UFPR

Tendências, tabus e transgressões: As academias na Academia Imperial de Belas Artes

A representação do corpo considerou-se desde Leon Battista Alberti como elemento narrativo unificador na obra artística e assumiu lugar central no sistema acadêmico das artes. Para tanto o corpo é um objeto artístico e histórico que recebe suas inscrições discursivas de classe, raça e gênero inculcando valores, normas e códigos da nação brasileira para compor a história. Esta comunicação tem como objetivo discutir as representações do corpo, especificamente os desenhos do estudo de modelo vivo na Academia Imperial de Belas Artes na segunda metade do século XIX. Quais são os corpos que podem ser mostrados? Quais são os corpos que circulam dentro e fora da AIBA?

Os Estatutos (1820 e 1855) da AIBA atribuem uma grande importância ao estudo da figura humana através do modelo vivo “em todas as variedades da espécie humana” (Estatuto 1855, Título V, seção 1), implementando um discurso institucional no que diz respeito ao belo, à moral e ao nacional. Entre tanto, a AIBA confrontou-se com o problema da falta dos modelos ou modelos inaptos para uma figura idealizada. De um lado existe na pintura canônica os nus que materializam todo imaginário literário enunciando vários corpos erotizados num gênero anedótico histórico. São corpos múltiplos, e cada um tem seu lugar num olhar etnográfico e hierarquizado forjando um conjunto identitário do nacional brasileiro como Carioca, Moema, o Último Tamoio ou Derrubador brasileiro. De outro lado, os desenhos das aulas de modelo vivo não lembram este imaginário, elegendo o corpo idealizado branco como padrão. Essa fabricação imagética do corpo artístico se deu no espaço interno institucional da AIBA no Rio de Janeiro, lugar oficial da produção, circulação e consagração da obra de arte brasileira. O triângulo do ensino acadêmico oitocentista – figura humana como alicerce da pintura clássica, o desenho como método racional e moral bem como a ciência do conhecimento anatômico – codifica e legitima o corpo masculino como elemento de valores universais. Este estudo analisa os desenhos dos nus nos museus Dom João VI e Museu Nacional de Belas Artes e suas inscrições normativas diante do discurso institucional ao lado dos tratados anatômicos na AIBA. Apesar do rigor acadêmico, certos desenhos escapam da moralidade e revelam tabus e transgressões. Embora que os desenhos foram feitos apenas diante do modelo masculino, encontramos o primeiro nu feminino de modelo vivo assinado por Pedro Américo, provavelmente em 1858.